

UNIEVANGÉLICA – UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GIOVANA CRISTINA DE MORAIS BEZERRA
LARA BEATRIZ CUNHA DO PRADO

***A VIVÊNCIA DO LUTO DE MÃES QUE PERDEM SEUS FILHOS PARA
VIOLÊNCIA***

ANÁPOLIS

2021

**GIOVANA CRISTINA DE MORAIS BEZERRA
LARA BEATRIZ CUNHA DO PRADO**

**A VIVÊNCIA DO LUTO DE MÃES QUE PERDEM SEUS FILHOS PARA
VIOLÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao
Centro Universitário de Anápolis –
UniEvangélica como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em Psicologia.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Margareth Regina
Gomes Veríssimo de Faria

ANÁPOLIS

2021

GIOVANA CRISTINA DE MORAIS BEZERA

LARA BEATRIZ CUNHA DO PRADO

***A VIVÊNCIA DO LUTO DE MÃES QUE PERDEM SEUS FILHOS PARA
VIOLÊNCIA***

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Psicologia.

Banca Examinadora

Profª. Drª. Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria
Orientadora

Prof. Me Fernando Figueiredo dos Santos e Reis
Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

Anápolis, dede 2021.

A todas as mães brasileiras que em todas
falas e orações, o que mais almejam é proteger seus filhos

AGRADECIMENTOS

A orientadora, Dr^a. Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria, por toda sabedoria e conhecimento em nos orientar na construção deste trabalho.

Às nossas mães, pais e irmão que incansavelmente estiveram ao nosso lado, nos apoiando como a base sob nossos pés e como ar em nossos pulmões para que pudéssemos concluir esta jornada acadêmica.

Aos colegas e mestres do curso de Psicologia, por todas as experiências que vivemos juntos, as provas, pesquisas em grupo, apresentações de trabalhos cheios de insegurança e timidez, os dias em que chegávamos desanimados, ou quando não concordávamos uns com os outros, com certeza sentiremos saudades.

Por fim, agradecemos a todos que de maneira direta ou indireta me ajudaram em nossa caminhada acadêmica.

2 de novembro era finados, eu parei em frente
ao (cemitério) São Luís do outro lado. E
durante uma meia hora olhei um por um e o
que todas as senhoras tinham
em comum: a roupa humilde, a pele escura, o
rosto abatido pela vida dura.
Colocando flores sobre a sepultura (podia ser a
minha mãe). Que loucura!
Cada lugar uma lei, eu tô ligado, no extremo
sul da Zona Sul tá tudo errado, aqui vale muito
pouco a sua vida.
Nossa lei é falha, violenta e suicida

Mano Brown e Edi Rock

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso das mães que perderam seus filhos por meio de violência social, a fim de apresentar esse discurso como ferramenta para a compreensão da dinâmica do luto em mães. Através da metodologia da história de vida, foram utilizados relatos das mães que perderam seus filhos vítimas de violência urbana; sendo o foco a vivência da morte e do luto dessa mãe perante sua perda. Aliada a essa metodologia, encontra-se uma revisão sistemática da literatura sobre o tema estudado. Os relatos colhidos tornaram possíveis algumas considerações, dentre elas, a percepção de que o homicídio de um filho, independentemente de sua história de vida, despertará na mãe enlutada sentimentos de dor, raiva, desespero e indignação. A violência social torna a perda trágica e o luto difícil de ser elaborado, além de impactar essa mãe nos mais diversos âmbitos, desde o emocional até o financeiro. Viver a perda desse filho parece tornar-se mais fácil quando a mãe pode contar com uma rede apoio que a entenda e a console, como é no grupo “Mães de Anjo”, observou-se que além da rede de apoio, essas matriarcas apoiam-se na espiritualidade como maneira de dar sentido a perda.

Palavras- Chave: luto materno, mães, jovens, violência social

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 MÉTODO | 18 |
| 2.1 | 13 |
| 2.2 Instrumentos | 19 |
| 2.3 Procedimentos | 19 |
| 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 20 |
| 3.1 | 13 |
| 3.2 O fenômeno psicológico do enlutamento | 25 |
| 3.3 A dor das mães de coração enlutado | 26 |
| 3.3.1 As consequências da perda | 13 |
| 3.3.2 A injustiça | 28 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| REFERÊNCIAS | 30 |

1 INTRODUÇÃO

Em 1996 a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou as mortes por homicídio entre jovens como um fator de saúde pública a ser analisado e discutido. Segundo o Mapa da Violência de 2015, em comparação com 85 países analisados, o Brasil ocupa o 3º lugar em relação a taxa de homicídios de adolescentes de 15 a 19 anos, chegando a 54,9% homicídios por 100 mil adolescentes, o país é superado apenas por México e El Salvador (Waiselfisz, 2015).

De acordo com o Atlas da Violência de 2020, em comparação com 2018 (dado mais recente), os negros representaram 75.7% das vítimas por homicídio. A desigualdade racial fica ainda mais perceptível quando se constata a redução da taxa de homicídios ocorridos entre 2017 e 2018, que se concentrou mais entre a população não negra do que na população negra. Entre não negros, a diminuição da taxa de homicídios foi igual a 13,2%, enquanto entre negros foi de 12,2%, isto é, 7,6% menor. O mesmo processo foi identificado entre os homicídios femininos: a redução ocorrida entre 2017 e 2018 se concentrou mais fortemente entre as mulheres não negras.

Ao longo dos anos, o conceito de violência obteve novas significações; antes entendida como algo pertencente ao meio privado, a violência começa a perpassar o individualismo e chega à esfera social, estabelecendo novos debates sobre o que pode ser englobado dentro do conceito de violência e quais as circunstâncias corroboram para a relação entre violência e o alto índice de mortalidade (Wieviorka, 1997).

Segundo Julio Jacob Waiselfisz, em estudo para o Mapa da Violência (2015), 93% das vítimas de homicídio são homens e este número é proporcionalmente três vezes maior com relação aos negros. Outro fator a ser levado em consideração é a escolaridade das vítimas; a maioria possui escolaridade inferior se comparada ao restante da população dessa faixa etária. O principal instrumento utilizado nas agressões foi a arma de fogo, que esteve presentes em 81,9% dos homicídios de adolescentes de 16 anos e em 84,1% dos homicídios de 17 anos.

Considerando que morrem mais jovens negros do que brancos no Brasil, torna-se nítido a cultura do branqueamento e sua influência nas políticas públicas, principalmente as que estão envoltas sob o racismo estrutural e institucional, capazes de moldar ações e premissas relacionadas a vida e morte da população (Magalhães, 2020). Adjunto ao fim do ciclo biológico, encontra-se o processo de enlutamento das famílias, mas principalmente, como será retratado neste trabalho, o processo de enlutamento das mães.

A morte é um elemento inevitável na vida do ser humano, ela caracteriza o fim de um ciclo, porém, comumente, pode trazer sentimento de impotência, tristeza, culpa e injustiça,

como nos casos de mães que enterram seus filhos vítimas de violência social. Isto porque o ciclo natural da vida implica que os filhos sofrem com a perda de seus pais, e não o contrário (Alarcão, Carvalho & Pelloso, 2008).

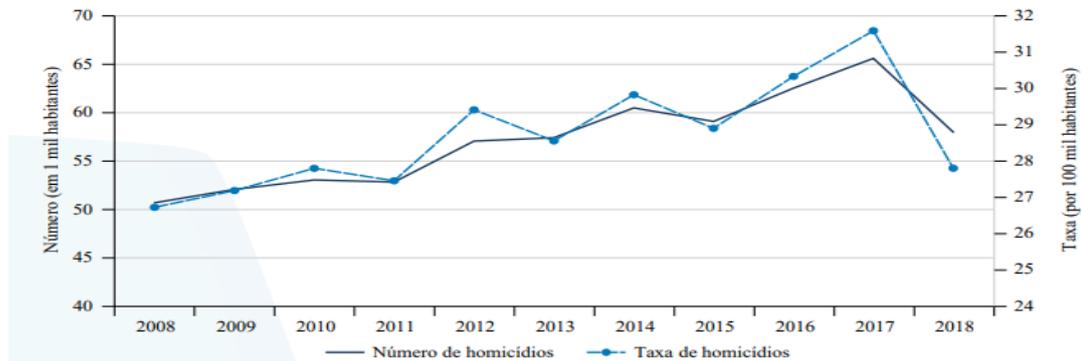
Frequentemente, as mortes por violência social estão associadas a uma interrupção abrupta e súbita da vida dos jovens adultos, instalando sentimentos maternos de culpa e dor profunda, que legitimam a violência do Estado como perpetradora em relação ao extermínio dos jovens pertencentes a classes vulneráveis (Mattos, 2017). Em busca de justiça por seus filhos, e a fim de compreender a situação vivenciada, as mães enlutadas buscam por conforto através de uma rede de apoio composta por outras mães e familiares que compartilham da mesma situação de perda de um filho.

Sendo assim, surgiram grupos de apoio como o ‘Mães Unidas pela Dor’, grupo do Rio de Janeiro, composto pelo Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) Rubens Correia, em Irajá, promovido pela ONG Instituto de Estudos da Religião, em parceria com a equipe Clínico Política. Nesse grupo, as mães se reúnem quinzenalmente e partilham seus relatos acerca da violência sofrida por seus filhos, que acabou levando-os à morte, e a força que encontraram umas nas outras e dentro do grupo para seguir em frente.

De acordo com Kubler-Ross (2000), o luto possui fases: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Contudo, para compreensão da luta e o sofrimento das mães que veem seus filhos mortos por órgãos responsáveis pela segurança pública e buscam incansavelmente por justiça, precisamos ir além, pois muitas mulheres que vivem essa dor não conseguem lidar com a aceitação da morte do filho e mesmo assim, encontram forças para viver e ir à luta.

A perda de um filho causa uma ruptura na ordem cronológica dos fatos, principalmente na vida das mães que, assim que se tornam mães, imaginam um futuro para os filhos no qual não está incluído o velamento desse ser que carrega uma série de expectativas. E assim, se instaura na vida da mãe os questionamentos que iram perpassar a sua vida: como será minha vida a partir de agora? O que farei eu sem meu filho? Como conseguirei viver? Quando e como essa dor irá passar? O que fiz para merecer tanto sofrimento? Onde está Deus que não protegeu meu filho?

Segundo o Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), em 2018 ocorreram os menores números de homicídios no Brasil com relação a 2013-2017, sendo cerca de 27,8 mortes por 100 mil habitantes. Essa queda no número de casos remete ao patamar dos anos entre 2008 e 2013, em que ocorreram entre 50 mil e 58 mil homicídios anuais, conforme destacado no gráfico 1.

Gráfico 1 - Número e taxa de homicídios – Brasil (2008-2018)

Fontes: Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica/IBGE e SIM/MS.

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Através da perspectiva institucional, houveram elementos em 2018 que contribuiram para a diminuição do número de homicídios, como a criação do Ministério da Segurança Pública, a aprovação da legislação criando o Sistema Único de Segurança Pública (Susp), e a instituição do Plano Decenal de Segurança Pública (PDSP) (Atlas da Violência, 2020). Em contrapartida, as políticas públicas do governo armamentista de Jair Bolsonaro contribuem para a criação do imaginário envolto no “cidadão de bem”, aquele que sabe proceder de maneira adequada perante os padrões impostos pela sociedade elitista e não cede a desordem causada pelo Estado. Assim, o “cidadão de bem” refere-se aquele cujo poder está a seu favor (Kalil, 2018).

Segundo a teoria das Representações Sociais, proposta por Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação, compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Assim, as representações sociais contribuem para a criação de uma realidade comum, fenômenos sociais que devem ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir da função ideológica que possui.

A contraposição da política das massas é o comportamento dos indivíduos quando se encontram sozinhos e quando se consideram como parte de algum grupo, este fenômeno foi denominado por Graumann (1986) como individualização do social. O líder funciona como um ‘domador’ ideológico da multidão. Sendo assim, o sujeito se volta para seus próprios interesses e não mais responde as prescrições determinadas pela cultura, refletindo diretamente no que Foucault (1999), denominou de democracia racial,

[..] discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos que fazem rir. E os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem um pouco de atenção (Foucault, 1999, p. 15).

O Biopoder, tal como trazido por Foucault (1999), é o poder sobre a vida regulando todos os seus aspectos. No biopoder há uma submissão voluntária do sujeito, ora servindo um preceito científico, ora servindo um preceito político. O biopoder não substitui o poder disciplinar, mas o integra, de modo que os dispositivos de segurança gerem a vida do homem enquanto espécie enquanto o poder disciplinar atua na ortopedia dos corpos individuais.

Foucault em seu livro vigiar e punir apontava sobre a visão dos corpos como objeto de poder, o corpo se torna produto de manipulação, que se treina, transforma e modela por intermédio das relações de poder (Foucault, 1977). Desse modo, os corpos se tornam dóceis, sendo este o *modus operante* da política de branqueamento, pois tornam os ‘corpos’ alvo de submissão aos padrões estabelecidos pelo discurso do branqueamento. O poder disciplinar, com suas tecnologias de poder, atua diretamente sobre os corpos, adestrando-os em um controle constante, de modo que os indivíduos desviantes se aproximem da normalidade tornando-se obedientes e disciplinados (Foucault, 1984).

Na década de 1980, as mortes causadas por homicídio passaram a ocupar o 2º lugar no ranking de óbitos derivados de causas externas entre adolescentes e adultos jovens, destacando-se o uso de armas de fogo. As causas externas alertam a população acerca do caráter violento que abriga a política armamentista (Szwarcwald & Castilho, 1998). E é nesse cenário conflituoso que muitas mães perdem seus filhos e se veem obrigadas a lidar com a dor do luto e o sentimento de derrota.

A morte de adolescentes e jovens adultos de forma inesperada e intempestiva simboliza a aflição complexa que as mães desses jovens são submetidas, visto que o luto parental, especialmente o luto maternal, se difere das demais figurações de luto conhecidas pela antropologia. Independente do tempo ou da situação, o sentimento de perda, a dor da culpa e o desejo por justiça prevalecem e são frequentemente revividos na memória daquelas mães que ficaram (Alarcão, Carvalho & Pelloso, 2008).

Ao estudar sobre as atitudes presentes durante a morte e ao morrer, a autora Kubler-Ross, se deparou com o seguinte relato de uma mãe após perder seu filho:

“Como sobrevivi? [...] torcia para não acordar no dia seguinte. Mas o dia amanhecia, eu abria os olhos e percebia que continuava viva [...] era um misto de desanimo, depressão, tristeza, raiva [...] o peito doía, dilacerado. Sentia-me paralisada, amputada” (Klubler-Ross, 2000, p. 122).

Para Parkes (2009) a perda de um filho é a perda mais dolorosa que alguém pode sentir, isto porque rompe com o sentido cronológico da vida, não há denominação para tal fato, um filho que perde um pai se torna órfão, cônjuges se tornam viúvos, mas para quem perde um filho não há nomenclatura. Os filhos representam a continuidade de uma vida construída pelos pais, a persistência de um legado, e a interrupção da vida desses filhos rompe com a idealização criada pelo imaginário coletivo.

De acordo com Denzin (1970) a História de Vida é uma abordagem presente na pesquisa qualitativa, visto que possui o potencial de abranger situações e/ou vivências traumáticas de forma complexa, sem abandonar seu caráter subjetivo. “Ao contar sua vida, o sujeito fala do seu contexto, fala do processo por ele experimentado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido” (Silva et al, 2007, p.32). Sendo assim, a “História de Vida” é capaz de fazer uma leitura das conjunturas sociais a partir do sujeito analisado. Trata-se de acontecimentos relevantes e significativos, visto que nessa abordagem não existem verdades absolutas ou duradouras (Arpini, 2003).

Pensando nisto, o tema é proposto com o intuito empático pelo sofrimento das mães “órfãs”, oferecendo alento e apoio a luta, bem como com o objetivo produzir conhecimento teórico para futuras gerações de psicólogos e para a sociedade como um todo. O objetivo deste trabalho foi de analisar o discurso das mães que perderam seus filhos por meio de violência social, a fim de apresentar esse discurso como ferramenta para a compreensão da dinâmica do luto em mães.

2 MÉTODO

Este trabalho utilizou-se da análise do discurso de mães enlutadas, que perderam seus filhos devido a violência social presente na sociedade. Para obtenção de dados, utilizou-se de coleta de dados públicos, presentes em uma comunidade pública do Facebook denominada “Mães de Anjo”. As informações obtidas são de acesso público, seguindo os parâmetros da Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde acerca das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, Artigo 2º, adendo IV: “informações de acesso público: dados que podem ser utilizados na produção de pesquisa e na transmissão de conhecimento e que se encontram disponíveis sem restrição ao acesso dos pesquisadores e dos cidadãos em geral, não estando sujeitos a limitações relacionadas à privacidade, à segurança ou ao controle de acesso. Essas informações podem estar processadas, ou não, e contidas em qualquer meio, suporte e formato produzido ou gerido por órgãos públicos ou privados”.

Com o intuito de entender a vivência destas mães e sua realidade, optou-se pela escuta sobre esta vivência. Essa coleta de dados deu-se no contexto de acolhimento, através de uma comunidade do Facebook, denominada “Mães de Anjo”, onde mães dos mais diversos estados brasileiros compartilham sua dor envolvendo a perda de um filho. Através de suas histórias, essas mães dividem relatos acerca da vivência do luto e a capacidade de ressignificar sua perda através da espiritualidade e da união presente entre elas.

O conhecimento acerca das experiências do sujeito é a base da História de Vida, através dessa abordagem, é possível compreender e elucidar as relações sociais das pessoas envolvidas (Minayo, 1999). Este método tem o caráter investigativo e preocupa-se em conectar o ponto de vista do indivíduo estudado, abandonando assim a necessidade cientificista de comprovar a veracidade de todos os fatos (Glat & Pletsch, 2009).

2.1 Participantes

As participantes desse estudo foram mães que vivenciam a dor de perder a vida do filho para a violência social. Anônimas, são de diferentes classes sociais, idades, escolaridade, raça e religião, que compartilham em uma rede de apoio seus sentimentos e emoções com extremo respeito pelas suas diferenças e imensa compreensão pela dor tem em comum. Integram a amostra de análise desse artigo, 22 depoimentos de diferentes mães, que foram retirados de uma comunidade pública online denominada “Mães de Anjos”, lugar onde foi possível dar continuidade ao grupo de apoio devido a pandemia mundial da COVID-19.

2.2 Instrumentos

Os relatos de história de vida analisados neste artigo em referência, foram coletados em um grupo apoio instaurado em um aplicativo de mensagens para smartphones, de acesso público, que anteriormente funcionava de forma presencial no Rio de Janeiro, Brasil.

2.3 Procedimentos

Com a finalidade de assimilar os sentimentos dessas mães, procurou-se por grupos de apoio e suporte à mães enlutadas no Facebook, sendo encontrado o grupo “Mães de Anjo”, de onde foram retirados os discursos presentes neste trabalho. O intuito não foi encontrar uma história legítima, mas sim realizar a leitura do social presente na fala de cada mãe. Sendo assim, os discursos referem-se aos caminhos singulares e subjetivos adotados nas declarações coletadas. A narrativa das mães de jovens vítimas de homicídio ganha notoriedade e legitimidade na História de Vida.

A construção dessa pesquisa é de natureza básica, com o intuito de agregar conhecimento sobre o luto e a dor de mães que perdem os filhos para a violência social, buscando compreender também como esse fenômeno transcorre na sociedade brasileira. Tem o objetivo explicativo, procurando encadear ideias, assimilando, assim, a causa e o efeito. Possui abordagem qualitativa, onde analisaremos tanto o discurso de mães enlutadas cujos filhos morreram por violência social, quanto o estudo de gráficos e estatísticas que comprovem as características de tal ocorrência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da coleta e leitura de relatos para esse trabalho, os quais foram expostos ao longo da escrita, foi possível observar a prevalência de alguns sentimentos e emoções, os quais apareceram repetidas vezes nas falas das mães enlutadas. Para a análise das falas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), sendo apresentado o resultado na Tabela 1:

Tabela 1 – Frequência total das categorias dos sentimentos presente nos relatos

| Formes | EFF |
|---------------|------------|
| Dor | 12 |
| Saudade | 8 |
| Desespero | 5 |
| Solidariedade | 4 |
| Indignação | 4 |
| Resiliência | 4 |
| Enfrentamento | 3 |
| Depressão | 3 |

Fonte: As autoras/2020

Nas narrativas colhidas neste trabalho, os sentimentos de dor e saudade foram os mais predominantes nas falas das mães, como apresenta este relato:

Nada neste mundo nunca fará que meu coração se cure, não existe cura pra saudade de um filho, nunca mais serei eu inteira, pois a parte mais linda de mim que é a parte mãe, foi ferida deixando uma ferida que sangra todos os dias. Mas é essa parte “mãe” que me salva, pois, filho nunca deixa de ser filho e mãe nunca diz adeus a um filho. (*mãe 1*)

Esses sentimentos podem causar ambiguidade, pois normalmente estão acompanhados da alegria em lembrar as memórias vividas com o filho, o orgulho que sentiram no tempo que passaram juntos, e a sorte em compartilharem sua trajetória, entretanto, há predominância de culpa e desespero, seja por não prever o imprevisível ou até mesmo por não ter impedido a tragédia eminente:

Todos os dias me pergunto porque nossos filhos tem que ir antes de nós, é uma dor imensurável, me sinto desesperada e mal consigo respirar.
(mãe 2)

Perdi meu filho para a violência a 4 meses e meu desespero é enorme de tanta dor, vejo que tem mães que já passaram por isso a mais tempo, imagino que seja uma dor eterna, mas queria saber o que essas mães fizeram para continuar suas vidas, porque a minha vida acabou. (mãe 3)

A perda de um filho é relatada por mães que passaram por essa experiência como “a maior das dores”. Tal é a mudança que acarreta em suas vidas, que podemos considerar esta perda como uma ruptura biográfica (Bury, 1982), de modo que seus objetivos de vida e, até mesmo as suas identidades, são repensados a partir deste triste episódio. (Faria & Lenner, 2018). Segundo Brice (1991), a característica essencial do luto materno é ser uma vivência conflituosa, ambígua e paradoxal.

Brice (1991) e Martins (2001) explicam que perder o filho é viver uma promessa não realizada, é perder o próprio futuro. Além da perda do futuro, a perda de um filho é vivida pelas mães como a perda de uma parte de si, a amputação de um pedaço do corpo. A saudade é vivida com sofrimento e ocorre para elas uma profunda mudança de valores. Em sua pesquisa, Martins aponta que a morte do filho é experienciada como uma contingência especial que poderia ser evitada; é sentida como um acontecimento que impõe uma inversão do curso natural da vida pela qual a mãe se culpa (Freitas & Michell, 2014).

Quando um jovem é morto pela violência social, lhe é negado um julgamento, o contraditório e a ampla defesa e lhe é imposta uma pena inconstitucional: a pena de morte, e assim a barbárie é confundida com a justiça, e as mães, a estas é negado o direito de vivenciar o luto pela perda de um filho, como relata a mãe de um jovem baleado no massacre do Jacarezinho:

Eu sou mãe, o policial chegou na minha cara e não me deixou ver o corpo, dizendo que, se fosse meu filho, eu veria no cemitério. Eu não gerei um filho pensando no que ele faria da vida. A gente diz o caminho certo e o errado, mas depois que ele cresce, vamos fazer o quê? A família do policial tem sentimentos, e a dos mortos não têm? São filhos de chocadeira? *(mãe 4)*

É possível perceber no relato, o quanto a rede de apoio se torna um fator primordial para a continuidade da vida dessa mãe enlutada, principalmente quando essa dor é compartilhada com outras mulheres que passam pela mesma luta. A rede de apoio transforma o olhar das mães diante a vida que, apesar de tudo, continua. Os integrantes de tal rede serão, então, a família das mães enlutadas após a morte dos seus filhos. Uma família que não foi unida por laços sanguíneos e nem de criação, mas sim pela dor que sentem juntas, como apresenta os relatos a seguir:

Aqui nesse grupo sou como uma família que apoia e entendemos cada dor...*(mãe 5)*

Só quem passou a tamanha dor entende. Como eu queria abraçar todas vocês, mas já que não posso falo de todas pra Deus diariamente, todos os dias falo dos nossos anjos para Deus e de todos nós que tanto precisamos dEle, só Ele para poder fazer essa imensa dor transformar-se em saudades eternas dos nossos anjos lindos de luz *(mãe 6)*

As falas evidenciam a importância de ter seus sentimentos validados no meio de um contexto sociocultural. Através dessa validação, muitas mães conseguem “seguir em frente”, pois se sentem amparadas por um grupo social que entende e vivencia as mesmas dores e aflições causadas pela morte de um filho.

Nas narrativas também foi possível perceber como a espiritualidade adquire caráter importante no desenvolvimento do luto materno, a crença em uma divindade superior permite às mães encontrarem ordem e calma em meio a angústia que sentem em seus corações:

Nossa dor é eterna! Acredito que nunca vai passar, mas também aprendi que podemos sim, amenizá-la um pouco! E Deus pode acalmar os nossos corações! Somente Ele! *(mãe 7)*

Com o auxílio da retomada à rotina e a fé em alguma crença espiritual, as mães conseguem ressignificar o que antes que lhes era incompreensível acerca de sua perda. Por consequência, os sentimentos de culpa causados pela injustiça sofrida tornam-se mais isentos, além de redefinir tanto o sentido da vida, quanto o sentido da morte.

Essa pesquisa teve como objetivo produzir uma revisão de literatura acerca do luto e da violência social. Acerca disso, trabalhamos a compreensão da dor das mães que veem seus filhos mortos pela violência social e, assim, identificam o papel da psicologia social e os fenômenos da mesma que ocorrem na sociedade.

Através da narrativa das mães, é possível perceber a dor em lembrar a morte de um filho causada por violência social, seja por fatores como tráfico de drogas, conflitos policiais ou fatores transgressores. De acordo com Cano e Ribeiro (2007) a morte de jovens por homicídio não é um fator homogêneo, mas sim, uma gama de fatores conflituosos. Para essas mães, recontar sobre a morte de seus filhos significava reviver o luto e experienciar novamente a dor de uma perda considerada irreparável.

Diferente do que se imaginava em outros estudos acerca do luto, o passar do tempo não torna a perda menos significativa (Thompson, 1998). Ao receber a notícia do homicídio, o estágio inicial do luto é caracterizado por confusão, seguida pelo torpor, impedindo assim a assimilação do ocorrido. Em seguida, há mudanças significativas na vida daqueles que ficam e precisam lidar com o sofrimento de perder um ente querido. Costa (2015, p.88) descreve a morte por homicídio como “perda, ruptura e separação brusca, traz ausência, vazio e saudade. Desencadeia sentimentos intensos que vão desde a tristeza mais profunda aos sentimentos de raiva, inconformismo e revolta.”

3.1 A violência social como via de morte

As diligências relacionadas à perpetração da violência social podem ser entendidas através da concepção foucaultiana de poder disciplinar, este, com suas tecnologias de poder, atua diretamente sobre os sujeitos, adestrando-os em um controle constante, de modo que os indivíduos desviantes se aproximem da normalidade tornando-se obedientes e disciplinados (Foucault, 1999). Dessa forma, quando os indivíduos buscam atingir doutrinas estabelecidas, estão sendo submetidos a processos que Foucault se referia como esquemas de docilidade, que se tornam possível pela ‘disciplina’, permitindo o controle preciso dos corpos.

Ao longo da história, os indivíduos foram submetidos a diversos padrões comportamentais estabelecidos pela civilização em vigor, alterando assim a concepção de pensar e agir dentro da sociedade. Porém, no nosso período atual, a pós modernidade, o poder

é estruturado e afirmado através de práticas e disciplinas que visam moldar corpos aos padrões em demanda pela sociedade de consumo (Foucault, 1977). Essas disciplinas são impostas com maior frequência e intensidade em grupos específicos, homens e mulheres em situação de vulnerabilidade social são os mais afetados por este poder disciplinar, em que mecanismos das mídias virtuais perpetuam as dinâmicas disfuncionais de relação de classe e controle sobre o corpo (Mota, 2012).

A partir da época imperial, o homem adentrará no que Foucault (1970) denominou como ‘cultura de si’, onde as relações individualistas passam a estar diretamente interligadas a exaltação do próprio eu; a necessidade de cuidado consigo passa a determinar as novas formas de necessidade e práticas individuais e/ou grupais. Libertos da austeridade helenística, a ‘cultura de si’ adquiriu progressivamente um caráter evolucionista (Foucault, 1970). E assim, em busca da rearmonização da alma, o individualismo e a padronização dos sujeitos passam a ter significados redundantes que se refletem na atualidade, como a busca por padrões ideais e impossíveis impostos pela mídia, que produzem regimes de verdade capazes de engendrar determinados modos de subjetividade, produzindo um excedente de sujeitos que despotencializados e doentes, buscam gerir sua vida e seu corpo sob tais preceitos inatingíveis para maior parte da população, a fim de formular suas relações de si para consigo, as quais podem desencadear processos estressores.

Segundo Foucault (1999) o poder se exerce como formas de modificação sobre as coisas, assim direcionado as formas de relação presentes na sociedade, logo influenciando no gerenciamento da vida de todos. Deve-se entender a incessante busca para adequar-se ao padrão de "indivíduo perfeito" como consequência da ordem moral estabelecida. Para tanto, a distinção social surge como uma forma de se exercer poder e influenciar na reprodução da conduta do outro, ainda que de forma transitória, estabelece formas de padronizações como meios de controle, intensificando o desempenho do poder, fato observado atualmente, em que a mídia ganha destaque por estabelecer uma padronização do comportamento, criando um perfil para ser atingido por todos, assim a distinção social pode ser analisada através das inúmeras tentativas que os indivíduos buscam afim de cumprir as ‘condutas determinantes’ da sociedade, desempenhando uma forma de dominação sobre os corpos, sendo capaz de induzi-los a mudanças. (Foucault, 1999).

Foucault em sua obra ‘O sujeito e o poder’ (1984) defendeu as diferentes formas que a sociedade utiliza do uso do poder para objetificar os indivíduos categorizando os sujeitos em padrões normativos de “ser” por meio da identificação de características físicas, mentais e intelectuais. Todas essas maneiras de objetificação podem ser baseadas em diferentes aspectos,

como características físicas, intelectuais e mentais, as quais são fomentadas pelas relações de micro e macro poder, que afetam de forma direta a maneira de "ser" do sujeito, alterando a sua forma de se enxergar, ou seja, as relações de poder diárias moldam a percepção individual e coletiva dos seres humanos.

3.2 O fenômeno psicológico de enlutamento

A concepção social de morte é o resultado de um longo processo histórico, marcado por diferentes sistemas econômicos e sociais, bem como por costumes que envolvem dimensões existenciais, subjetivas e espirituais (Hayasida, Assayag, Figueira e Matos, 2014). Kóvacs (2012) diz que pensar na morte pode nos conduzir à autorreflexão, e não necessariamente à tristeza ou evitamento em face aos pensamentos sobre o tema. Lima & Buys (2008) exemplifica que evitar falar o que pensa ou que sente em relação à morte e ao luto não fortalece a pessoa, ao contrário, pode limitar suas chances de lidar de forma adequada e saudável com essas questões.

Na Psicologia, são várias as teorias que estudam o luto e o processo de ressignificação da morte daquele que se findou. Assim, podemos compreender como tal fenômeno transcorre de maneira distinta a depender da cultura, da via de morte, da resiliência do indivíduo, etc.

Segundo Kubler-Ross (1969), existem cinco fases no processo de enlutamento, elas não são cíclicas e não acontecem de forma cronológica e, sim, a depender da necessidade do indivíduo enlutado. As fases do luto a qual a autora se refere são: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, vividas tanto por quem passa por uma doença fatal que ameace a sua vida, quanto por quem chora a morte de um ente. A autora considerava que o conhecimento teórico é importante, mas de nada valeria se não trabalhasse com o coração e com a alma (Minayo, 1994).

Wolfelt (1992 "*apud*" Franco, 2002), estabelece uma ponte entre o senso comum e os estudos sobre luto a fim de explicar certos mitos criados acerca deste tema. Ao fazer isto, ele explicita a diferença entre pesar e luto: "Pesar é um complexo de sentimentos e pensamentos sobre a perda, que são vivenciados internamente... é o significado interno dado à experiência do luto." Luto seria o pesar tornado público, quando a pessoa se apropria dos sentimentos e pensamentos e os expressa e compartilha com os que o cercam. Envolve o olhar da cultura, que lhe dá contingência e validade."

O termo luto faz, assim, referência aos processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa significativamente importante (Martins de Souza, 2016). Parkes (1998) afirma que o luto assemelha-se a uma ferida física, mais do que qualquer outra doença. Tal como no

"ferimento", aos poucos ele cura e cicatriza, no entanto, podem aparecer complicações e a cura se tornar mais lenta, ou pode abrir um novo ferimento naquele que estava quase curado.

O luto é um processo e não um estado, um processo inevitável já que faz parte do ciclo vital e que demanda um tempo necessário para sua resolução natural. É um movimento, uma mudança na relação da pessoa consigo, com o mundo e com os outros. Não se trata de um conjunto de sintomas que surge após uma perda e, depois, gradualmente, desaparece, compreende uma sucessão de sentimentos, reações físicas e emocionais que estão intimamente relacionados. A morte faz parte do desenvolvimento humano, da vida. O processo de luto é acompanhado por diversas reações e sentimentos que diferem de pessoa para pessoa. Acreditam-se na singularidade do ser humano e na singularidade de cada perda. (Martins de Souza, 2016).

E quanto a morte vem desafiando toda a ordem cíclica natural da vida e uma mãe, que nunca se imaginou em tal situação, se vê chorando pela morte de seu filho? Tal dor e sofrimento não pode ser qualificado em palavras, então como compreender a força que as mães encontram para seguir? Manter a memória dos filhos falecidos por meio das lembranças é um comportamento comum aos pais enlutados (Rangel, 2008). Entretanto, para que a elaboração do luto ocorra, as mães devem ser capazes de interiorizar o objeto perdido, para que as recordações do filho aconteçam sem prejuízo às mudanças necessárias para continuar a vida.

Conseguir ressignificar a vida não representa esquecer o ente querido ou, necessariamente, finalizar o luto (Rangel, 2008) mas sim, fazer com que a dor do luto se atenuie e a lembrança do filho que se foi traga sentimentos reconfortantes.

3.3 A dor das mães de coração violentado

A partir da análise do discurso das matriarcas no grupo focal de apoio para mães em processo de luto pela perda dos seus filhos pode ser analisado a partir dos seguintes sentimentos:

3.3.1 As consequências da perda

Em seu texto denominado "Luto e Melancolia", Freud (1916) postulou sobre a dificuldade que o sujeito tem em lidar com as perdas significativas, as quais foi acometido. O sujeito perde seu objeto libidinal, aquele há quem eram voltados os seus afetos, ocasionando sentimentos de melancolia e aquilo que pode ser denominado como "vazio". A dificuldade em ressignificar essa perda ocasiona o luto doloroso, que pode vir a tornar-se o luto patológico,

onde o sujeito não consegue retomar suas atividades e nem voltar ao contexto cotidiano (Freitas, 1998).

Ainda que saibamos que, logo após a perda, o estado do luto agudo se minimiza, também sabemos que seguiremos inconsoláveis e que jamais encontraremos um substituto. Não importa quando chegará o vazio, ou se chegará plena ou parcialmente; se permanecerá para sempre(...). É a única maneira de perpetuar esse amor ao qual não queremos renunciar (Freud, em carta à Binswanger, 1941).

Através da perspectiva intrapessoal, o luto pode desencadear sentimento de impotência, solidão, negação e raiva. Um estudo de Alarcão, Carvalho & Peloso (2008) demonstrou que as mortes violentas, como por armas de fogo e/ou agressão podem aumentar a angústia das mães, pois em sua perspectiva, seus filhos tiveram uma “morte indigna”. Ao perder um filho por meio da violência social, a mãe enlutada pode experimentar também sentimento de culpa, ao sentir que em algum momento possa ter falhado em seu papel de mãe e na criação que deu para seu filho.

A perda de um filho rompe com o sistema social e por isso demanda maior dificuldade de elaboração do que aquela presente nos outros lutos, sendo assim, o luto materno configura-se como um dos lutos mais difíceis a ser elaborado. (Gonzaga, 2006). De acordo com Worden (1998, p. 142), a perda de um filho se resume como “uma das perdas mais devastadoras da vida e seu impacto pode permanecer por anos”

A morte repentina ocasiona um baque mais abrupto do que em mortes pressentidas; a morte violenta aumenta a austeridade do sentimento de luto e é capaz de deixar traumas e sequelas (Bowlby, 2004). Para Moorey (2005), as sequelas podem ser vistas através da dificuldade que as mães apresentam em organizar seu meio interno com as condições pré-existentes e a dor de viver uma vida onde seu filho não esteja mais presente.

O luto materno pode representar impossibilidade e/ou dificuldade para se conectar novamente com o mundo externo. Segundo Almeida, Santos e Haas (2011), após o choque inicial, surge o topor, e as mães apresentam inconformidade diante de situações cotidianas que antes eram consideradas corriqueiras. Um estudo realizado por Costa, em 2015, para o Instituto Fiocruz demonstrou que em decorrência do luto pela perda de um filho através da violência social, as mães apresentaram não apenas doenças psicológicas, mas também doenças físicas, como câncer, problemas na tireóide e aumento da pressão arterial.

A somatização dos sentimentos de angústia, raiva, dor e etc, podem alterar a qualidade de vida dessas mães, que se sentem quebrantadas, de forma física e psicológica, tornando suas circunstâncias de vida debilitantes. Algumas situações exigem um afastamento do trabalho,

sendo necessário o pedido do auxílio doença para continuar se mantendo. Por vezes, essa mãe é afastada do convívio social, o que a torna mais dependente dos serviços de saúde e da ação de medicamentos (Costa, 2015).

3.3.2 A injustiça

As mães que perdem seus filhos para a violência social se mostram na busca constante de justiça, na luta contra um mal maior que ceifou a vida de seus filhos sem nenhum motivo aparente, apenas a violência. Além de todas as particularidades desse luto materno; a procura por respostas, o coração angustiado investigando como um fenômeno tão cruel pode acontecer, parece intensificar a subjetividade vivida dentro desse contexto. Assim, transformam o luto em uma luta contra a dor e uma luta política de poder.

A manifestação de queixas, lamentos e, até mesmo, a inscrição da dor no próprio corpo são relatados por estudiosos, que percebem o papel fundamental ocupado, principalmente, pelas mulheres na expressão da perda (Mauss, 2002; Das, 2007). Nesse cenário em que a violência deixa as marcas de uma situação crítica no ordinário (Das, 2007), as mães saem do silêncio e ocupam o espaço público (Catela, 1997; Leite, 2004; Araújo, 2007), a fim de denunciar as más mortes ou, até mesmo, as mortes inconclusas (Catela Araújo, 2007), que tanto provocaram rupturas em suas vidas. Ocupar o espaço público torna-se, então, um ato político, no qual a decisão de sair do silêncio e falar sobre as perdas faz com que tais questões sejam “um problema de todos” (Lacerda, 2014, p.59). Podemos perceber nas falas a seguir:

Eu nunca conseguia nem imaginar ver um filho morto em uma live de jornalismo. Ainda sem eu saber do acontecido, já tinha condolências de uma cidade toda em meu face. Fui a última ser avisada (*mãe 8*)

Hoje fazem 2 anos e 6 meses que dei o último abraço em meu filho na casa de Deus à noite, era domingo dia 2 de setembro, na segunda de manhã tiraram sua vida a caminho do seu trabalho (*mãe 9*)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste estudo foi analisar o conteúdo das falas das mães que perderam seus filhos por meio de violência social, enfatizando as narrativas como ferramenta para a

compreensão da dinâmica do luto de mulheres anônimas que compartilharam suas angústias por suas perdas, na rede de apoio “Mães de anjo” comunidade pública do Facebook.

Sobre a violência social associadas à morte foi possível perceber que, a maioria dos relatos das mães desta pesquisa tratavam-se de adolescentes e jovens, pertencentes a classe social vulnerável, do sexo masculino, negros, com baixa escolaridade, na faixa etária entre 16 e 17 anos, sendo que o principal instrumento utilizado nas agressões foi a arma de fogo, o que sugere maior atenção de política nacional de segurança pública no Brasil no combate a violência.

Notou-se também nos relatos que, as mães enlutadas envolvidas na dor encontram dificuldade em lidar e aceitar a morte, pois, dentro da perspectiva natural da vida são filhos que enterram os pais e não o contrário, porém, elas puderam encontrar no grupo de apoio, forças para viver e seguir em frente, contando com o auxílio de outras mães que compartilham da mesma situação de perda.

A pesquisa revelou que a frequência total dos sentimentos presente nos relatos, foram: dor, saudade, desespero, solidariedade, indignação, resiliência, enfrentamento e depressão, sendo que as maiores prevalências foram a dor e saudade. Esses sentimentos foram mais evidenciados como sendo a perda “a maior das dores” e a saudade um “dos maiores sofrimentos” para as mães.

Em resposta ao objetivo da pesquisa ficou claro nas falas, que a somatização dos sentimentos de angústia, raiva e dor podem alterar a qualidade de vida das mães enlutadas, que passam a sentir-se quebrantadas, física e psicologicamente, tornando suas circunstâncias de vida debilitantes, pois, ao perder um filho por meio da violência social sentem-se feridas e injustiçadas, tornando o luto materno, o mais difícil de ser elaborado, o que requer maior atenção por parte de profissionais da saúde mental, ao compreender e assistir através da avaliação psicológica, como ferramenta para a compreensão da dinâmica do luto em mães que perdem seus filhos para a violência social.

REFERÊNCIAS

- Afonso e Minayo (1994) - 'A violência social sob a perspectiva da saúde pública'. 1994 Cadernos de Saúde Pública, nº 10, pp. 7-18. Suplemento 1.
- Alarcão, Ana Carolina Jacinto, Carvalho, Maria Dalva de Barros, & Pelloso, Sandra Marisa. (2008). A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(3), 341-347. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692008000300002>
- Almeida, E., Garcia-Santos, S., & Haas, E. (2011). Padrões Especiais de Luto em Mães que Perderam Filhos por Morte Súbita. *Revista de Psicologia da IMED*, 3(2), 607-616. doi:<https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v3n2p607-616>
- Araújo (2007) - ARAUJO, F. Do luto à luta: a experiência das mães de Acari. 2007. 154-160 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- Arpini, D. M. Violência e Exclusão: Adolescência em grupos populares, São Paulo: EDUSC, 2003.
- Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BBC. Unidas Pela Dor: Mães que Perderam Filhos para a Violência Encontram Amparo em Grupo no RJ. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43915337>. Acesso em: 20 set. 2020

- Brice (1991) - A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Jornal de Psicologia Fenomenologica*, 22, 16-38
- Bury (1982) – Doença crônica como uma perturbação biográfica. *Jornal de Reabilitação e Pesquisa*, vol. 2, no. 1
- Bowlby, J. (2004). *Perda: tristeza e depressão* (3ª Ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Cano, I; Ribeiro, E. Homicídios no Rio de Janeiro e no Brasil: dados, políticas públicas e perspectivas. In: CRUZ, M. V. G.; BATITUCCI, E. C. (ORG). *Homicídios no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 51-78.
- Catarinas. A Luta das Mães que Perderam seus Filhos para o Racismo de Estado. Disponível em: <https://catarinas.info/a-luta-das-maes-que-perderam-seus-filhos-para-o-racismo-de-estado/>. Acesso em: 24 set. 2020
- Catela (1997) - CATELA, L. da S. Las memorias del horror: estilos e narrativas para comunicar el sufrimiento y el dolor por los desaparecidos em Argentina. 1997, Online.
- Cooper, H., & Hedges, L. (2009). Research Synthesis as a Scientific Process. in: H. Cooper, L. Hedges & J. Valentine (Edts.). *The Handbook of Research Synthesis and Meta-Analysis*, (2nd ed., pp. 3-18). New York, NY: Russel Sage Foundation
- Costa, D. M. Um Olhar Sistêmico Sobre Famílias de Jovens Vítimas de Homícidio, Rio de Janeiro: ENSP, 2015
- Das (2007) - DAS, V. Linguagem e Corpo: Transações na construção da dor. Berkeley: Universidade da California Press, 2007, p. 38-58.
- Denzin, N. K. *Biografia Interpretativa Interpretive*. Newbury Park: Sage, 1989.
- Faria, A. F. de, & Lerner, K. (2018). “A maior das dores”: O luto de mães no espaço público. *Lumina*, 12(2), 118–135. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2018.v12.21519>
- Foucault, Michel *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999
- _____. *O sujeito e o poder v. IV* (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994.
- _____. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes
- Freitas, N. K. Luto Materno e psicoterapia breve. *Resumo de Comunicações Científicas: Jornada de Estudos sobre Vínculos e Rupturas no Fim do Milênio*, PUC-SP, São Paulo, 1998, 12. Pp
- Freitas e Michell (2014) - Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: Uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies*, XIX, 97-105. Recuperado em 30 de outubro, 2013
- Freud, S (1916). “Luto e Melancolia”. In: *Obras completas*, vol II, Barcelona, Nova Visão, 1984
- Gawryszewski VP, Kahn T, Mello Jorge MHP. Informações sobre homicídios e sua integração com o setor saúde e segurança pública. *Rev Saúde Pública*. 2005;39(4):627-33

- Glat, R; Pletsch, M. D.. O método de história de vida em pesquisa sobre auto-percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. *Revista educação e saúde*, v. 22, n.34, p. 139-154, 2009
- Gonzaga, D. (2006). *Thiago Gonzaga: histórias de uma vida urgente* (15ª Ed.). Porto Alegre: Didacta.
- Graumann, Carl. "The Individualization of the Social and the Desocialization of the Individual: Floyd H. Allport Contribution to Social Psychology." In: GRAUMAN, C.F., and MOSCOVICI, S. (eds.). *Changing Conceptions of Crowd Mind and Behavior*. New York: Springer Verlag, 1986. p. 97-116.
- Hayasida, Nazaré Maria de Albuquerque, Assayag, Raquel Helena, Figueira, Isa, & Matos, Margarida Gaspar de. (2014). Morte e luto: competências dos profissionais. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(2), 112-121. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140017>
- Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada (IPEA). Atlas da Violência 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 09 set. 2020
- Jodelet, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: *Psicología Social* (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos.
- Kalil, Isabela. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro, [S.l.: s.n.], 2018. xx p. Disponível em: . Acesso em: 21 set. 2018.
- Kóvacs (2012) - Kovács, M. J. (2012). Educadores e a morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 71-81. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>
- Kübler-Ross, E. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- Lacerda (2014) - LACERDA, P. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, jul./ dez. p. 49-75, 2014.
- Leite (2004) - LEITE, M. P. As mães em movimento. In: BIRMAN, P.; _____ (Orgs.). *Um Mural para a Dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 141-190.
- Lima e Buys (2008) - Lima, V. R., & Buys, R. (2008). Educação para a morte na formação de profissionais de Saúde. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(3),52-63.
- Magalhães, Alexandre. *Sobre o Racismo Estrutural no Brasil*. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Sobre-racismo-estrutural-no-Brasil>. Acesso em: 09 set. 2020
- Martins (2001) - Martins, G. (2001). *Laços atados: A morte do jovem no discurso materno*. Curitiba: Moinho do Verbo
- Mauss (2002) – MAUSS, M. *L'expression obligatoire des sentiments*. Chicoutimi, Québec, 2002.

- Mattos, Geisa. *Flagrantes de Racismo: Imagens da Violência Policial e as Conexões entre o Ativismo no Brasil e nos Estados*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6408168>. Acesso em: 09 set. 2020
- Moorey, S. (2005). Quando coisas ruins acontecem com pessoas racionais: terapia cognitiva em circunstâncias adversas de vida. In: Salkovskis, P. M., *Fronteiras da terapia cognitiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 393-395.
- Mota, Michel (2012). *Beleza e Disciplina – Panoptismo, Produção e Controle do Corpo de Modelos Profissionais*.
- Minayo M. C. S. Introdução. In: Minayo M.C.S.; Deslandes, S. F. (ORG). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, p. 17-27. _____. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- Parkes CM. *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus; 2009.
- Rangel (2008) - Rangel, A. P. F. N. (2008). *Amor infinito: histórias de pais que perderam seus filhos*. São Paulo: Vetor
- Silva, A. P. et al. “Conte-me sua história”: Reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico, Estudos em psicologia*. Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.
- Sousa, Luiza Eridan Elmiro Martins de. (2016). O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação.. *IGT na Rede*, 13(25), 253-272. Recuperado em 01 de junho de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000200006&lng=pt&tlng=pt
- Szwarcwald, Célia Landman; Castilho Ayres de. Mortalidade por armas de fogo no Estado do Rio de Janeiro, Brasil: uma análise espacial. *Revista Panamericana de Salud Publica = Pan American Journal of Public Health*, v. 4, n. 3, p.161-170, 1998.
- Thompson, M. P; Norris, F. H; Ruback, R. B. Comparative distress levels of innercity family members of homicide victims. *Journal of Traumatic Stress*, v. 11, n. 2, p. 223- 242, 1998.
- Waiselfisz, J.J. *Mapa da Violência. Os Jovens do Brasil*. Brasília. UNESCO/Instituto Ayrton Senna: 1998.
- Wiewiorka, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, n.1, v.9, 1997.
- Wolfelt (1992, “apud” Franco 2002) - *Estudos Avançados sobre o Luto*. Campinas, São Paulo: Livro Pleno, 2002.
- Worden, W. J. (1998). *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental (2ª Ed.)*. Porto Alegre: Artmed.

